



# Kriolidadi

Parte integrante do Jornal A Semana

- Sexta-feira, 29 de Abril de 2005



# Nhõ São Filipe



## KRIOLIDADI

## JUVENTUDE DIVORCIADA DOS RITUAIS

Tal como acontece com outras manifestações culturais de cariz tradicional, nomeadamente a tabanca e o san-jon, a Festa da Bandeira de São Filipe enfrenta o envelhecimento dos seus principais agentes. O problema agrava-se com a dificuldade de recrutamento de novos actores que possam perpetuar no tempo esta festividade. É o que se depreende das palavras de Jorge Pires, um dos responsáveis da Casa das Bandeiras, quando abordado sobre a participação dos mais jovens na Festa de Nhô San Filipe.

*"Os jovens participam cada vez menos na Bandeira de São Filipe, o que nos preocupa bastante, pois as pessoas que actualmente fazem a festa estão a envelhecer e precisa-se de sangue novo para continuar", afirma Jorge Pires, explicando que as novas gerações não têm sequer uma intervenção passiva na festa, ou seja, "nem mesmo vão assistir aos rituais. Os espectadores são maioritariamente pessoas mais idosas e turistas que sentem curiosidade em conhecer mais sobre a nossa cultura".*

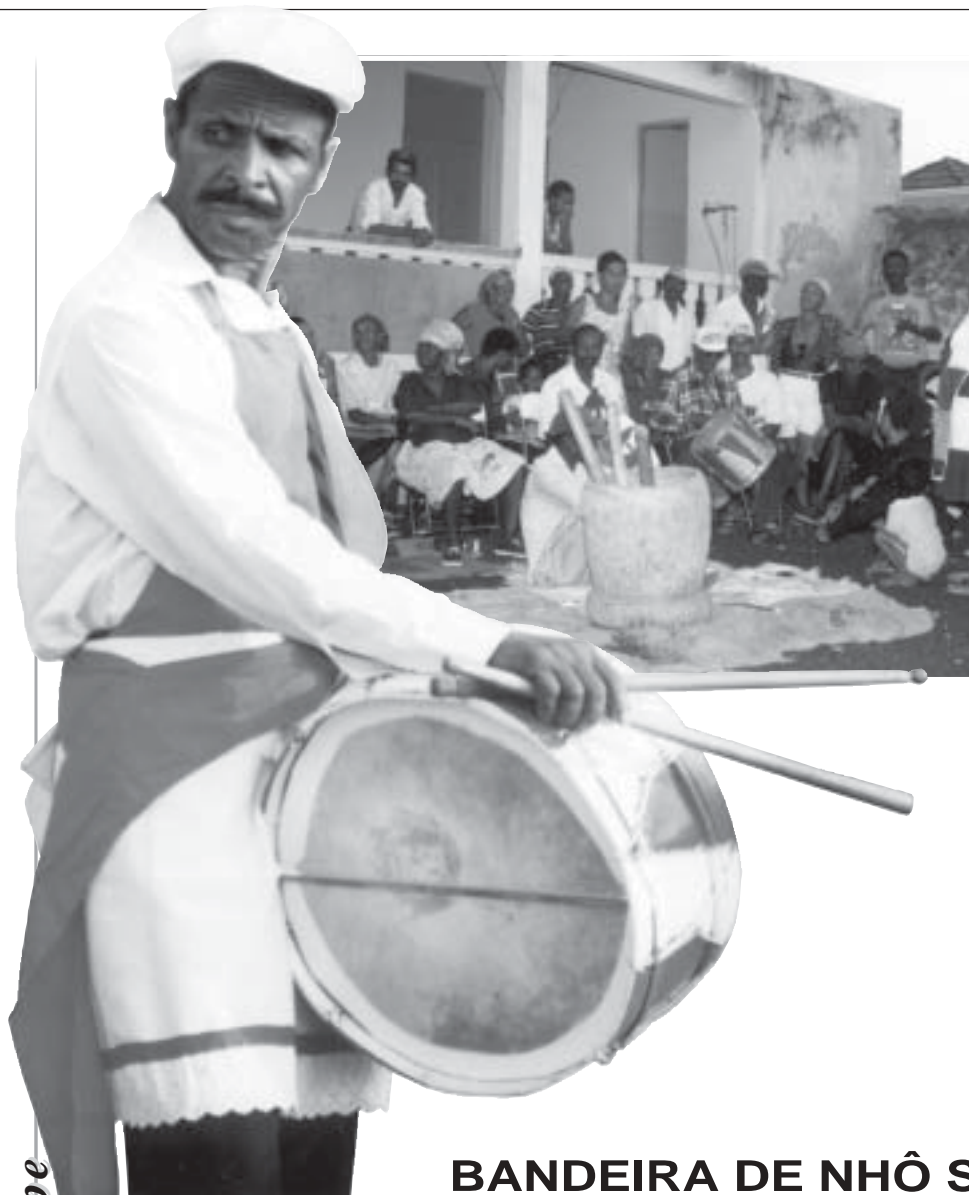
De acordo com Jorge Pires, é do estrangeiro e de outras partes do país - Estados Unidos da América, Santiago e São Vicente, principalmente - que se deslocam algumas centenas de filhos do Fogo, quase todos adultos e pessoas idosas que, ao longo dos anos, têm tido uma ligação íntima com a Festa de Nhô San Filipe, quer como meros espectadores quer como festeiros ou cavaleiros.

Mas no Fogo, os jovens já não vão à missa, não fazem promessas nem tomam a bandeira. E é para pôr fim a esta "falta da juventude" nas festas de Nhô São Filipe que na Casa da Bandeira pensa, logo após o término da festa deste ano, passar a bandeira aos jovens, através de um projecto que não só passe o testemunho como faça a nova geração compreender o quão importante é manter a tradição na hora de querer viver a modernidade em toda a sua plenitude. *"Vamos passar a realizar, todos os meses, acções ligadas às festas da bandeira de modo a introduzir no seio da juventude o gosto por essas manifestações culturais. Caso contrário, no futuro vamos ter problemas",* sentencia Jorge Pires.

Para José Maria Semedo, o problema coloca-se principalmente em relação aos rituais de cariz religioso. *"É um fenómeno dos nossos tempos, o afastamento dos jovens da religião. Qual é o jovem que hoje faz promessas do género: "se eu me casar, ofereço isto e aquilo ao meu santo de devoção?"*. E para confirmar esta asserção, Semedo lembra que o "festeiro" deste ano é Francisco Macedo Barbosa, homem já idoso que, ao enfrentar problemas de saúde, recorreu a São Filipe prometendo dar um festa de homenagem ao santo caso ficasse curado.

Quanto à natureza lúdica da festa da Bandeira de Nhô San Filipe, Semedo acredita que *"não está em perigo. Os jovens continuam a aderir às cavalgadas no Alto de São Pedro, aos tambores, ao pilão e ao coletcha, por exemplo, introduzindo algumas mudanças, mas estas são inevitáveis. É impossível parar o tempo"*. Semedo acredita que a força de Nhô São Filipe está na grande cultura que carrega com ela.

TSF



### BANDEIRA DE NHÔ SAN FILIPE

# Nova era ao som de

Reza a tradição que se não houver pretendentes à Bandeira, esta é enterrada, isto é, entregue à Igreja, de onde não poderá sair sem autorização da autoridade eclesiástica competente. Mas, com a inauguração da Casa das Bandeiras pelo primeiro-ministro, José Maria Neves, *"a Bandeira de Nhô San Filipe jamais será enterrada"*, afiança Henrique Pires. Por isso, este ano, a festa é "rija", com muito xérem, foguetes, carne de bode e cavalhada no Alto de S. Pedro.

Hoje, 29, a partir das 17 horas, após a visita do presidente da República, Pedro Pires, ao centenário edifício da Casa das Bandeiras, junto ao Presídio, os foguetes anunciam o pilão. Este simples acto, que prepara o milho coxido para o tradicional *"xérem ku bode"*, transforma-se numa festa ao som de tambores e dos cânticos de origem africana até o xérem estar garantido.

É amanhã, 30, entretanto, que, feita a matança das reses, o repique dos tambores e o estrelar de mais foguetes no céu da

ilha convidam os cavaleiros a se apresentarem devidamente trajados com calças e camisas brancas enfeitados com gravatas ou lacinhos pretos, na Casa da Bandeira. E é ali que os festeiros deste ano - Francisco e Ana Maria Barbosa - entregarão a Bandeira ao cavaleiro mais antigo que, por sua vez, a depositará nas mãos do cavaleiro porta-bandeira. Este, seguido pelos outros cavaleiros, desloca-se então para o Alto de S. Pedro para a primeira corrida do dia.

O pôr-do-sol convoca um grupo de religiosas a dirigir-se à Igreja Matriz, onde irão depor a imagem do santo padroeiro no respectivo andor, já enfeitado com fitas vermelhas e brancas e flores, pois no dia seguinte acontece a missa e a procissão pelas ruas da vila de São Filipe. Homenagem religiosa que será precedida de uma outra, esta com fogos de artifício, à meia noite de sábado, no Alto de São Pedro.

O grande dia, 1 de Maio, começa às cinco da manhã com a

## BANDEIRA DE NHÔ SAN FILIPE OU

Por que a ilha do Fogo celebra no dia 1 de Maio: a festa da Bandeira de São Filipe ou o Dia do Município? Para os menos atentos, principalmente aqueles que não são naturais da ilha do Vulcão, nem estudiosos da matéria, pode parecer que são uma e a mesma coisa, mas a coincidência é apenas temporal. As duas festas são distintas tanto na sua natureza como nos seus rituais.

*"A festa do Dia do Município é uma festa política e a da Bandeira de São Filipe é uma festa religiosa e cultural, com missa, procissão, cavalhadas e pilão"*, explica Henrique Pires, da Casa das Bandeiras, preocupado com o facto de muitas pessoas se deslocarem de outras partes do país para a ilha do Fogo com a ideia de que vão assistir a

uma única festa.

Confusão que nasce do facto de tanto o dia do santo padroeiro como o do município serem celebrados na mesma data (1 de Maio). Mas as duas festas são promovidas por entidades distintas. Enquanto a Câmara Municipal festeja o dia do Município de São Filipe, a Casa das Bandeiras dá continuidade a uma tradição ancestral que encerra as manifestações culturais próprias da ilha e com um lugar muito destacado no mosaico cultural de Cabo Verde. Mas ambas incluíram o nome *"Nhô San Filipe"* no calendário de actividades da sua respectiva festa.

Segundo Eugénio Veiga, autarca de São Filipe, *"cada uma das fes-*



Nhô San Filipe



# foguetes

alvorada, que decorre ao ritmo dos tambores, foguetes e morteiros. São eles que também convocam os cavaleiros para a primeira corrida no Alto de S. Pedro, acto após o qual deslocam-se ao antigo castelo de São Filipe para participar de um lanche e receber a grinalda de buganvílias, símbolo de prestígio.

Depois são as mulheres com os seus balaies cheios de manjares que chamam os cavaleiros para mais um lanche, este ao meio-dia, na Praia de Bocarron, também conhecida como Fonte Bila. É nessa praia de areia negra e lustrosa que os cavaleiros molharão os pés dos seus cavalos nas águas revoltas a fim de garantir um ano boas azáguas. Tem lugar, então, o fausto almoço em casa do festeiro. A festa prossegue com as corridas de argolinhas, grinaldas e outros

exercícios de perícia, mais uma vez no Alto de S. Pedro. E um grande fogo de artifício noite dentro põe fim a esta festa em que os protagonistas são mais que muitos, o sincretismo religioso é total e o brilho vem das luzes que Nhô São Filipe manda lá de cima.

TSF



## DIA DO MUNICÍPIO

tas tem uma identidade própria, sendo que o programa da festa do Dia do Município também inclui actividades culturais e desportivas". José Maria Semedo alega, entretanto, que "actualmente a festa é uma só, pois ninguém vai a São Filipe só para assistir à missa, procissão e pilão. As pessoas vão também ao baile e à feira popular, aos espectáculos musicais e outros eventos lúdicos".

Tendo isto em conta, Eugénio Veiga mostra-se favorável à junção de esforços no futuro. "Essa coincidência pode ser uma riqueza cultural e talvez no futuro devêssemos trabalhar juntos, a fim de termos mais ganhos tanto do ponto de vista cultural como organizativo e financeiro".

TSF

# África Negra e Europa num só palco

Nhô San Filipe, a festa da pompa e da ostentação, continua agarrada às suas raízes históricas. Em tempos idos, só as famílias abastadas, de ascendência europeia e sem mescla, ou seja, os brancos podiam dar a chamada à Bandeira Grande, sendo a responsabilidade de organizar tal festa transmissível por herança. Contudo, o processo de desestruturação económico-social da ilha do Fogo, que se inicia por volta da década de 40 do século passado, com a falência desses grandes proprietários de terra e a ascensão económica e social do mulato e, depois, com as transformações económico-sociais decorrentes da independência nacional, impôs um rumo diferente: dos rituais de origem africana às cavalhadas, é o povo, mestiço na cor da pele e nos costumes, quem dá cor e vida à festa.

Reminiscência da Cavalaria Medieval, a Festa da Bandeira de Nhô San Filipe é uma homenagem a São Filipe, o primeiro nome atribuído à ilha do Fogo aquando da sua descoberta em 1460/62, em que o "festeiro" - inevitavelmente uma pessoa de fé, para evitar a hipótese de profanação das celebrações - aceitava financiar as festividades de louvor ao santo como pagamento de uma promessa. Trazida da Europa, particularmente de Espanha e Portugal, países onde a passagem do solstício de Verão foi cristianizada, passando por isso a coincidir com as festas dos santos populares, a Bandeira de São Filipe é marcada pelas cavalhadas que todos os anos acontecem no Alto de São Pedro, atraindo multidões.

Aí, numa versão mais pobre das cavalhadas europeias, que simbolizam o combate entre os cristãos e os mouros infiéis, os cavaleiros, munidos de lanças, demonstram a sua perícia em provas de grinaldas de flores, argolas, bilhas e vasos que encerram sempre uma "surpresa" - um animal qualquer, um pouco de água ou simplesmente calça. Antes, e segundo José Maria Semedo, co-autor, com a italiana Maria Turano, de um livro sobre as festas de bandeira da ilha do Fogo, "até 1977, data em que o grupo Sete Estrelo reactivou a Festa da Bandeira de São Filipe, democratizando-a e dando-lhe um carácter completamente diferente, quem participava dessas provas eram os senhores ricos, os únicos com capacidade financeira para comprar cavalos. Mas hoje são aceites todo e qualquer cidadão cabo-verdiano desde que tenha um cavalo ou seja jockey, a este se exige apenas dotes de grande hipista. E o carácter nacional do concurso está no facto de várias vezes serem cavalos de São Vicente e Santiago a vencerem tais provas".

Para os mais crentes, entretanto, que vivem a festa da Bandeira de São Filipe com fervor religioso, o ponto alto acontece com a missa e a procissão pelas ruas da cidade. Diz-se que noutros tempos os tocadores de tambores entravam na Igreja com os seus instrumentos e com eles acompanhavam a missa. Porém, hoje só tocam durante a procissão, para marcar, com ar grave, o ritmo do cortejo religioso, ladeando o porta-bandeira que, obedecendo à tradição, faz oscilar a bandeira pendularmente, da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, em movimentos sincronizados com o toque dos tambores.

O lado profano e lúdico, no entanto, ocupou sempre uma larga parte da homenagem a São Filipe, e atravessando todas as festividades está sempre presente. Está no faustoso almoço que o "festeiro" oferece aos cavaleiros e seus convidados, marca presença nos bailes de violino, cavaquinho e violão no sobrado. E é uma forte componente nos dias de Pilón, quando a aguardente corre farta e as mulheres ensaiam passos sensuais de dança apimentada com cantos pouco católicos.

Foram esses grandes banquetes que, conforme explica Félix Monteiro numa das últimas edições da Revista Claridade, possivelmente terão permitido a entrada de rituais de origem africana na festa da Bandeira de Nhô San Filipe. O pesquisador escreve que "a numerosa criadagem, constituída por escravos, não podia deixar de ser reforçada por ocasião das festas, para acudir aos múltiplos afazeres que lhe eram destinados; assim reunidos em ambiente festivo, certas tarefas, como a matança de reses, a preparação do xerém para seu uso exclusivo, representavam para eles parte de um ritual próprio da época, e daí os cânticos e as danças que acompanham tais tarefas no continente negro".

E esses actos, denominados por pilão e matança, eram acompanhados pelos senhores brancos e seus convidados da varanda interna do sobrado com um olhar tolerante, consequência da atracção que os europeus sentiam por tais práticas, exóticas à sua cultura. São essas práticas que, constituem hoje o grande atractivo da festa da Bandeira de São Filipe. "Actualmente não é o branco que domina a festa, nem há uma festa do branco e outra do preto, pois todos querem ver o pilão, o elemento mais africano dessa celebração", afiança José Maria Semedo.

Segundo este pesquisador, a matança dos animais, tal como é descrita por Félix Monteiro - no quintal do sobrado e acompanhada de danças e cânticos apropriados - já não acontece, uma vez que o código de postura municipal obriga que os animais sejam sacrificados no matadouro e na presença de um veterinário. Mas o pilão "está cada vez mais vivo".

Essa simples tarefa caseira - o pilar do milho para o xerém de festa - transforma-se em espectáculo por ser executada ao som e ao ritmo de canções apropriadas a que se dá o nome de "bria" de pilão. A operação é geralmente dirigida por uma mulher idosa que, escreve Félix Monteiro, "tem a seu cargo a distribuição de milho e água pelos pilões e a recolha do xerém quando o considera devidamente preparado (...), sem deixar de cantar e bater as palmas cadenciadamente, como fazem as outras mulheres e raparigas que tomam parte na festa".

E nesse ritual são acompanhadas pelos tamboreiros, que tocam os seus tambores ao compasso dos sons do pilão, e dos tocadores de coletcha que, acorados, vão batendo com dois paus no rebordo do pilão. Um ambiente de alegria, emoção e muita euforia "molhado" com aguardente ou outra bebida qualquer.

Teresa Sofia Fortes

## KRIOLIDADI

# Agenda Cultural



Mário Lúcio, Tcheka e Raíz de Polon são alguns dos artistas que se juntam hoje às 21h15, no Auditório Nacional, para um espectáculo de beneficência em favor dos seropositivos e doentes com Sida. A Associação Zé Rocha, instituição de apoio às pessoas infectadas pelo HIV/SIDA, organiza o espectáculo de logo à noite.



Pensar e conhecer Jean-Paul Sartre. É este o exigente desafio que o Centro Cultural Francês lança ao público, a partir de terça-feira. Até ao dia 14, o CCF expõe a vida e obra deste que foi um dos maiores pensadores contemporâneos e o pai do existencialismo. E no mês de Maio, o CCF continuará a ser um espaço privilegiado da sétima arte. As honras de abertura de mais um ciclo de cinema em francês caberão ao filme de animação "La Flèche Noire", que será exibido na quarta-feira, às 15h30. No mesmo dia, o CCF projecta a comédia dramática "Le Destin", do egípcio Youssef Chahine.



E o cinema continua a animar o Palácio da Cultura Ildo Lobo. Para os mais pequenos, o Kafuka vai exibir no domingo, às 10h, "O Corcunda de Notre-Dame" de Gary Toursdale. Ao final da tarde, pelas 19h, as "Aberrações" de Tod Browning vão tomar conta do terraço do PC. Na próxima terça-feira é a vez de "Chunking Express" ser projectado pelo cineclube da Praia, às 19h30.

Este fim-de-semana, o cantor Tó Cruz regressará às suas origens. O prestigiado artista de ascendência cabo-verdiana actua hoje, às 21 horas, no Hotel Porto Grande, no Mindelo. Com a sua voz quente acompanhada por um executor de guitarra portuguesa, Tó Cruz fará incursões pelo soul, a morna e o fado. Sonoridades que antecipam o que será o seu próximo álbum, ainda em preparação. Antes deste concerto, o jazz, a bossa-nova e o groove cabo-verdiano de Ricardo de Deus subirão ao palco daquele Hotel. Este espectáculo repete-se amanhã na discoteca Capital, na Praia, a partir das 23 horas.



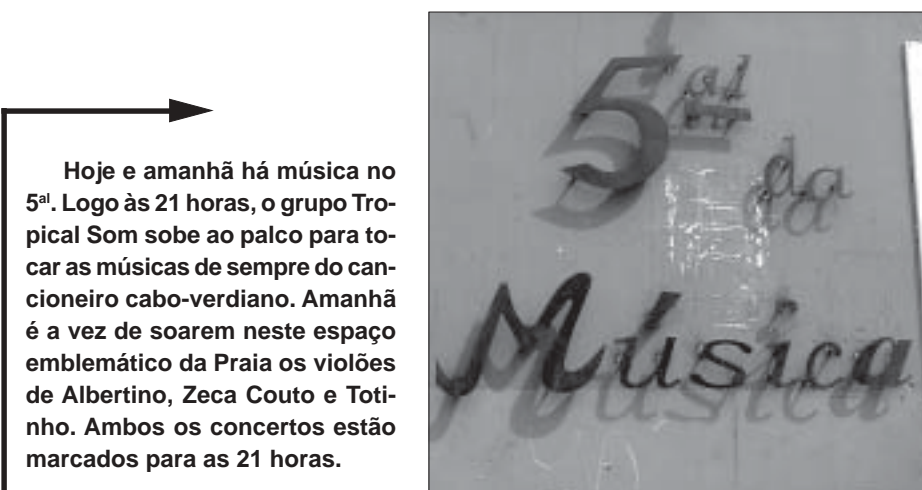
Kiki e Mick Lima são dois dos artistas que actuem na "Noite Livre" de hoje, 29, na Kaza d'Ajinha, no Mindelo. Uma ocasião em que, tal como indica o "Livre", os espectadores podem também cantar e tocar.

Kiki Lima

Lura actua no dia 5 de Maio, em Cáceres (Espanha) para, dois dias depois, participar no Festival El Dorado, em Val d'Azun, França. Mais duas oportunidades para Lura promover "Di Korpu ku alma" e a música tradicional cabo-verdiana.



Quem ainda não viu, tem a oportunidade de assistir na RTP-África, sexta-feira, a partir das 20h15 (hora de Cabo Verde), ao documentário "O Povo das Ilhas". Em cada episódio, descobre-se a obra de um poeta cabo-verdiano.



Hoje e amanhã há música no 5º. Logo às 21 horas, o grupo Tropical Som sobe ao palco para tocar as músicas de sempre do cancionero cabo-verdiano. Amanhã é a vez de soarem neste espaço emblemático da Praia os violões de Albertino, Zeca Couto e Totinho. Ambos os concertos estão marcados para as 21 horas.

O Centro Cultural Português vai desfolhar, na quinta-feira, os "Apontamentos Históricos sobre a Ilha do Fogo". A apresentação de mais uma obra do historiador Daniel Pereira será feita por Eutrópio Lima da Cruz e por José Maria Semedo, autor do prefácio. Esta apresentação, que precede o lançamento oficial a ocorrer em Maio, no Fogo, está marcada para as 18h30.

